

3 Uma genitalidade incerta

A moral sexual – como é definida pela sociedade (...) – parece-me muito desprezível. Defendo uma vida sexual incomparavelmente mais livre.
(Freud, 1915)¹

Uma das possíveis definições de perversão na psicanálise contemporânea baseia-se na salvaguarda da genitalidade como elemento definidor do que seria sexualidade normal, e, no sentido moral, desejável. É o tipo de leitura que faz, por exemplo, Chasseguet-Smirgel (1991) em *Ética e estética da perversão*. A autora defende que a “tentação perversa” (Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 104) é “considerar os desejos e satisfações pré-genitais (...) como tão *válidos* ou mesmo mais *válidos* do que os desejos e satisfações genitais” (Ibid., p. 104, grifo meu). Ou ainda, que “realmente, o perverso (...) vive na *ilusão* de que a pré-genitalidade é igual ou superior à genitalidade” (Ibid., p. 113).

Este critério de demarcação da perversão, bastante oitocentista, mostra as conseqüências que carrega: Chasseguet-Smirgel acaba por ratificar idéias pré-freudianas ao exaltar, como parte dos “*valores genitais em geral*” (Ibid., p. 296, grifo meu), “o pênis genital do pai e seus *poderes procriadores*” (Ibid., p. 295-6, grifo meu) e “a complementaridade genital dos sexos entre si” (Ibid., p. 296). Em suma, a autora crê ser “muito banal e totalmente admissível” (Ibid., p. 100-101) que haja, “na própria base dos processos vivos, um *instinto de procriação*” (Ibid., p. 100, grifo meu). A recusa de tais “valores genitais”, tão simplesmente, “é comum às perversões. É em volta dela que a perversão se organiza” (Ibid., p. 296).

Em Freud, no entanto, as coisas não são tão simples. A obra principal sobre o assunto, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1996 [1905]), continuou a ser revisada até 1920, e notas acrescentadas até 1924. Forma, assim, um panorama diacrônico privilegiado.

Os ensaios retratam, mesmo com os acréscimos posteriores, um Freud ainda às voltas com a sexologia oitocentista – não faltam referências ao ‘alvo sexual normal’, por exemplo –, mas o primeiro ensaio é também o texto onde o autor marca diferenças decisivas em relação a seus predecessores. A impressão –

¹ Em carta a James J. Putnam, citado em Gay (1989, p. 143).

comum em Freud – é a de que se está lendo um diálogo, e aqui um de seus interlocutores é justamente Krafft-Ebing (Freud, 1996 [1905], p. 128, nota 1). Este contexto resulta em que o vocabulário utilizado pareça hoje estar em certo contraste com a argumentação e as idéias que encerra. É neste vocabulário que incluo não só o termo ‘aberrações’ como também ‘desvios’ e... ‘perversões’.

Já no prefácio à terceira edição, de 1914, Freud reconhecia o caráter arbitrário de seu recorte: tais ensaios

não podem conter nada além daquilo que a psicanálise *precisa supor* (...). Exclui-se, portanto, a possibilidade de que algum dia se ampliem a ponto de constituir uma “teoria sexual” (Ibid., p. 124, grifo meu).

Parte de sua matéria-prima e de seus pressupostos, portanto, permanece exterior, emprestada de outras teorias, outras doutrinas ou mesmo do que chama de “opinião popular” (Ibid., p. 128). De dois destes pressupostos Freud se ocupa bastante no primeiro ensaio, decididamente no sentido de subvertê-los: o alcance limitado do que se considera ‘perversão’ e seu caráter patológico.

O texto, aliás, se inicia deixando claro que quem está na berlinda é a normalidade, a “suposta norma” (Ibid., p. 128). A idéia segundo a qual a pulsão sexual “seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual” (Ibid., p. 128) é uma “imagem muito infiel da realidade” (Ibid., p. 128).

A complexificação das relações entre normalidade e perversão começa então a ser construída. Na seção onde discute os ‘invertidos’ (outro termo do vocabulário oitocentista), submerge-os – a partir de sua experiência clínica – em um verdadeiro tecido de contingências:

O traço da inversão pode vir de longa data no indivíduo, até onde sua memória consegue alcançar, ou só se ter feito notar em determinada época, antes ou depois da puberdade. Esse caráter pode conservar-se por toda a vida, ou ser temporariamente suspenso, ou ainda constituir um episódio no caminho para o desenvolvimento normal; e pode até exteriorizar-se pela primeira vez em época posterior da vida, após um longo período de atividade sexual normal. Observou-se também uma oscilação periódica entre o objeto sexual normal e o invertido. Particularmente interessantes são os casos em que a libido se altera no sentido da inversão depois de se ter uma experiência penosa com o objeto sexual normal (Ibid., p. 130).

Se essa manifesta variedade vinha motivando teorizações como, por exemplo, o desenho de uma cartografia para a ‘inversão’ que estabelecesse uma fronteira entre o verdadeiro e o falso homossexual² matizada pelo grau de degeneração envolvido, Freud prossegue no sentido oposto: se o maior candidato a ‘invertido verdadeiro’ no trecho supracitado é aquele no qual a ‘inversão’ vem “de longa data, até onde sua memória consegue alcançar” (Freud, 1996 [1905], p. 130), uma nota de rodapé que data ainda de 1905 adverte que

as indicações autobiográficas dos invertidos sobre o aparecimento temporal de sua tendência à inversão não são fidedignas, já que eles podem ter desalojado da memória, por recalçamento, a prova de sua sensibilidade heterossexual (Ibid., p. 130, nota 2).

De fato, a inversão, uma simples “peculiaridade” (Ibid., p. 130), transcende e independe da questão patológica. Dissociada da degeneração, uma noção tão ampla quanto pejorativa – Freud a chama de um “juízo” (Ibid., p. 131) –, a inversão será encontrada “em pessoas cuja eficiência não está prejudicada e que inclusive se destacam por um desenvolvimento intelectual e uma cultura ética particularmente elevados” (Ibid., p. 131) ou ainda, na Grécia antiga, como “um fenômeno freqüente, quase que uma instituição dotada de importantes funções” (Ibid., p. 132). O ponto de vista patológico é assim deslocado, deixando em seu lugar um dado apenas clinicamente relevante: o fato de o sujeito sentir “o fato de sua inversão” como uma compulsão patológica ou não (Ibid., p. 130).

Junto com a degenerescência, deixa para trás em seguida a explicação baseada no hermafroditismo anatômico, retendo deste, no entanto, a possibilidade de que haja, em nível psíquico, uma “predisposição originariamente bissexual” (Ibid., p. 134). Esta será estendida a todos os seres humanos, como indica a nota de 1915 que fecha as considerações sobre a inversão:

A investigação psicanalítica opõe-se com toda a firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular. Ao estudar outras excitações sexuais além das que se exprimem de maneira manifesta, ela constata que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumaram no inconsciente (Ibid., p. 137, nota 1).

² Não posso deixar de perceber que na psicanálise contemporânea algo análogo aparece: André (1995 [1993]), pelo menos, esforça-se em criar critérios para um diagnóstico diferencial entre uma homossexualidade histórica e uma homossexualidade perversa.

O que Freud extrai da discussão, então, é a tarefa mais importante de “afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto” (Ibid., p. 140). Diferente de Chasseguet-Smirgel (1991), pois, indica que

no sentido psicanalítico (...) o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química” (Freud, 1996 [1905], p. 138, nota 1).

Em seguida passa da bissexualidade à radical contingência de alvos e objetos da pulsão sexual na seção seguinte, dedicada a “animais e pessoas sexualmente imaturas como objetos sexuais” (Ibid., p. 140).

Dos invertidos – que “afigram-se ao observador como uma coletânea de indivíduos talvez bastante válidos em outros aspectos” (Ibid., p. 140) – aos “desde logo encarados como aberrações” (Ibid., p. 140), seu propósito continua sendo o de argumentar contra a, digamos, segregação teórica dos assim chamados perversos: “por motivos estéticos de bom grado se atribuiriam estas e outras aberrações graves da pulsão sexual à loucura, mas isso não é possível” (Ibid., p. 140). O termo ‘loucura’, é bom esclarecer, não era o predecessor do campo específico da psicose, distinto do da perversão. Freud não está separando psicose e perversão, mas fazendo a perversão deslizar na simples “escala que vai da saúde à perturbação mental” (Ibid., p. 141). As forças que a mantêm em um dos pólos – o da perturbação, da loucura – são meramente estéticas.

O que Freud valoriza a respeito continua sendo simplesmente a plasticidade da pulsão: “o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto” (Ibid., p. 140). Rebaixamento, por sua vez, que só ganha importância como tal por razões culturais. Ao contrário dos gregos antigos, “nós menosprezamos a atividade pulsional em si e só permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto” (Ibid., p. 141, nota 1). Mesmo assim, a flexibilidade da pulsão sobrevive às sanções culturais, o que se evidencia, por exemplo, na frequência das relações sexuais com animais entre os camponeses (Ibid., p. 140). De forma geral, “muitos são os anormais na vida sexual que, em todos os outros pontos, correspondem à média, e que passaram pessoalmente pelo desenvolvimento cultural humano” (Ibid., p. 141).

Terminando suas considerações sobre os objetos sexuais com a convicção de que “o essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa” (Ibid., p. 141), já que é bastante freqüente que “a índole e o valor do objeto sexual pass[em] para segundo plano” (Ibid., p. 141), Freud passa aos alvos sexuais (ações para as quais a pulsão impele), onde a fronteira entre perversão e normalidade fica ainda mais tênue. É que muito do que é considerado ‘perversão’ torna-se normal desde que se apresente como um alvo sexual preliminar ao coito. E o que é considerado preliminar são na verdade atividades que “trazem prazer em si mesmas” (Ibid., p. 141). Beijar, tocar e olhar, por exemplo. Por sinal, é digno de nota, como testemunho de uma certa contingência histórica no que se convencionou chamar de ‘perversão’, que “o uso da boca como órgão sexual” fosse em 1905, tão simplesmente, “considerado como perversão quando os lábios (língua) de uma pessoa entram em contato com a genitália de outra” (Ibid., p. 143).

O que a discussão sobre os alvos sexuais produz em termos teóricos é um interesse específico por um conflito mais amplo, que suplanta a delimitação da fronteira perversão/normalidade, condicionando-a: a oposição entre as forças de supervalorização e de asco.

A supervalorização é a força que “não suporta bem a restrição do alvo sexual à união dos órgãos genitais propriamente ditos” (Ibid., p. 142). Essa força, responsável pelo que tradicionalmente se diria serem ‘desvios’ do alvo sexual ‘normal’ (será assemelhada progressivamente à pulsão em si), é também, no entanto, a fonte da “credulidade do amor” (Ibid., p. 142), do que só pode ser entendido como a mais corriqueira paixão romântica: “uma cegueira lógica (enfraquecimento do juízo) perante as realizações anímicas e as perfeições do objeto sexual” (Ibid., p. 142). Através disso, a supervalorização seria também a fonte de qualquer atitude de submissão à autoridade (Ibid., p. 142).

O asco, por sua vez, mesmo sendo, como contraponto da supervalorização, um dos responsáveis pela *restrição* do alvo sexual, não é exatamente um normatizador da sexualidade. Freud insinua que o asco é um critério intuitivo para decidir que práticas sexuais são aceitáveis e quais são perversas: quem “detesta” (Ibid., p. 143) determinadas práticas “por considera-las perversões” (Ibid., p. 143) está cedendo “a um claro *sentimento de asco*” (Ibid., p. 143). No entanto, além de ser puramente convencional – “aquele que beija com ardor os lábios de uma bela jovem talvez usasse com asco a escova de dentes dela” (Ibid., p. 143) –, tem

também seu aspecto patológico, estando sujeito a excessos paradoxais: “os genitais do sexo oposto, em si mesmos, podem constituir objetos de asco, e (...) esse comportamento é uma das características de todos os histéricos” (Ibid., p. 143-144). Mesmo quando discute o “uso sexual do orifício anal” (Ibid., p. 144), não deixa de relativizar a validade do asco como critério para nortear a delimitação dos ‘desvios’ sexuais:

É a repugnância que *apõe* nesse alvo sexual o *selo* da perversão. (...) A fundamentação desse asco no fato de tal parte do corpo servir à excreção e entrar em contato com o asqueroso em si – os excrementos – não é muito mais convincente do que a razão fornecida pelas moças histéricas para explicar seu asco ante o órgão genital masculino: que ele serve à micção (Ibid., p. 144, grifos meus).

A “supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual” (Ibid., p. 145) vai fazer a ponte para que Freud discuta o fetichismo. O tema deveria ter sido tratado ainda na seção sobre os desvios quanto ao objeto, “mas o adiamos até tomar conhecimento do fator da *supervalorização sexual*, da qual dependem estes fenômenos” (Ibid., p. 145). O fetichismo parece reivindicar um nicho próprio, mas um nicho que já transcende suficientemente qualquer intenção de delimitar uma fronteira entre perversão e normalidade.³ Neste sentido, é de se esperar que só viesse a ser discutido depois que Freud introduzisse a tensão mais generalizada, fundamentalmente humana, entre supervalorização e asco.

Assim, o fetichismo, “sumamente interessante” (Ibid., p. 145), vai poder ser relacionado, por exemplo, à religiosidade de povos antigos – “o fetiche em que o selvagem vê seu deus incorporado” (Ibid., p. 145) – ou, novamente, à paixão – “certo grau desse fetichismo costuma ser próprio do amor normal” (Ibid., p. 145) – ilustrada por um trecho de Goethe: “traz-me de seu regaço um lenço, por favor, uma liga que aplaque esta sede de amor” (Ibid., p. 146, nota 1).

O interesse no fetichismo que Freud considera patológico – quando “o anseio pelo fetiche se fixa (...) e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual” (Ibid., p. 146) – parece condicionado pela semelhança que o fetiche guarda com um sintoma neurótico. Em nota de 1920, sugere que

³ A singularidade dos mecanismos em ação no fetichismo será mais detidamente discutida adiante, a propósito do texto de 1927 a eles dedicado.

por trás da primeira lembrança do aparecimento do fetiche, há uma fase submersa e esquecida do desenvolvimento sexual, substituída pelo fetiche como que por uma “lembrança encobridora”⁴, e cujo resto e sedimento, portanto, o fetiche representa (Freud, 1996 [1905], p. 146, nota 2).

Na seção seguinte, “fixações de alvos sexuais provisórios” (Ibid., p. 147), Freud se debruça sobre a escopofilia, o exibicionismo, o sadismo e o masoquismo. Dos dois primeiros extrai considerações sobre os fundamentos do senso estético: “parece-me indubitável que o conceito do “belo” enraíza-se na excitação sexual” (Ibid., p. 148, nota 2). O interesse pela arte surge, pois, graças a um... desvio, que Freud começa a chamar ‘sublimação’ (Ibid., p. 148). Por sua vez, no sadismo e no masoquismo, que freqüentemente coexistem no mesmo indivíduo, Freud vai identificar “o contraste entre atividade e passividade (...) [que] pertence às características universais da vida sexual” (Ibid., p. 150), e que “pode reivindicar uma elevada significação teórica” (Ibid., p. 151) por apontar para o fenômeno universal da ambivalência (Ibid., p. 151, nota 4). A respeito do conflito entre supervalorização e asco, Freud acrescenta ao lado deste último a vergonha, como “força que se opõe ao prazer de ver” (Ibid., p. 149), e a dor, como resistência ao “exagero e fixação da atitude sexual passiva” (Ibid., p. 150).

Suas “considerações gerais sobre as perversões” (Ibid., p. 152) marcam um distanciamento teórico em relação àqueles que se inclinaram a “adjudicar-lhes o caráter de um sinal de degeneração ou doença” (Ibid., p. 152).

Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão (Ibid., p. 152).

O critério possível para demarcar o que há de patológico em determinada configuração da sexualidade é, então, seu grau de rigidez.

Na maioria dos casos podemos encontrar o caráter patológico da perversão, não no conteúdo do novo alvo sexual, mas em sua relação com a normalidade. Quando a perversão não se apresenta *ao lado* do alvo e do objeto sexuais normais (...) mas antes suplanta e substitui o normal em todas as circunstâncias, ou seja, quando há nela as características de *exclusividade* e *fixação*, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico (Ibid., p. 152-153).

⁴ Idéia desenvolvida por Freud em um texto de 1899 a propósito de uma peculiaridade bastante freqüente das recordações de seus pacientes psiconeuróticos (Freud, 1996 [1899]).

O último tema do primeiro dos três ensaios fortalece a impressão de que a perversão como era até então entendida está sendo universalizada, ou melhor, disseminada: trata-se da investigação explícita da relação entre neurose e perversão. A célebre fórmula que introduz, “*a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão*” (Ibid., p. 157), faz Freud esboçar, por algumas páginas, um novo vocabulário, referindo-se às perversões e neuroses como, respectivamente, “perversões positivas e negativas” (Ibid., p. 159), insistindo assim na grande semelhança de moções pulsionais e processos em curso no que vinha sendo denotado por cada um dos termos. Quando se refere às “inclinações perversas que reivindicam para a cavidade bucal e para o orifício anal um sentido sexual” (Ibid., p. 160), aliás, os exemplos cabem à histeria, uma neurose.

A fórmula tem uma direção precisa: não é a perversão que é o negativo da neurose, mas o contrário (Barande, 1980, p. 164). A ordem dos termos indica, por um lado, que a apropriação que Freud fez do termo ‘perversão’ esteve a serviço de sua investigação das neuroses. Por outro lado, o que é mais importante, que diluía a ‘perversão’ em um fundo pulsional de pura possibilidade, de onde poderiam originar-se tanto as neuroses quanto qualquer normalidade.

Assim, termina o ensaio insistindo na fluidez da demarcação entre patologia e normalidade. Para desfazer a impressão de que, “em virtude de sua predisposição, os psiconeuróticos aproximam-se estreitamente dos perversos em sua conduta sexual e se distanciam dos normais na mesma medida” (Freud, 1996 [1905], p. 161), sugere que “um grande abalo na vida talvez provoque a neurose até mesmo numa constituição corriqueira” (Ibid., p. 161), e conclui:

Ao demonstrar as moções perversas enquanto formadoras de sintomas nas psicose neuroses, aumentamos extraordinariamente o número de seres humanos que poderiam ser considerados perversos. Não é só que os próprios neuróticos constituam uma classe muito numerosa, há também que levar em conta que séries descendentes e ininterruptas ligam a neurose, em todas as suas configurações, à saúde (...). Assim, a extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal. (...) há sem dúvida algo inato na base das perversões, mas esse algo *é inato em todos os seres humanos* (Ibid., p. 162).

O final do primeiro ensaio deixa muito clara a posição de Freud quanto à teorização das perversões. Por mais explícita e enfática que tenha sido sua crítica ao uso pejorativo do termo e à pressuposição de uma relação direta entre desvio

do ‘normal’ – da genitalidade a serviço da reprodução – e patologia, a novidade que este momento inaugura pôde ser bastante negligenciada: ela é particularmente obscurecida e re-significada pela teoria do desenvolvimento psicosssexual que motiva o ensaio seguinte.

O segundo ensaio percorre a sexualidade infantil, partindo da curiosa amnésia que envolve este período na maioria das pessoas. “Amnésia semelhante à que observamos nos neuróticos em relação às vivências posteriores, e cuja essência consiste num mero impedimento da consciência (recalcamento)” (Ibid., p. 165). A semelhança irá adiante, posto que o recalcado em ambos os casos são moções pulsionais que estabelecem conflitos insolúveis. A infância, de fato, será desvendada como uma época bastante turbulenta, trágica até, quando a libido desde sempre presente trilhará os caminhos abertos pelos mais básicos e necessários cuidados – da amamentação ao asseio – elegendo zonas erógenas permanentes e esboçando soluções de satisfação que ora provocam sensações desprazerosas (Ibid., p. 168) ora re-ativam o onipresente perigo do desamparo através da perda de amor dos adultos significativos.

a história da primeira proibição com que a criança esbarra, a proibição de extrair prazer da atividade anal e de seus produtos, é decisiva para todo seu desenvolvimento. É nessa ocasião que a criaturinha deve pressentir pela primeira vez um meio hostil a suas moções pulsionais, aprender a separar seu próprio ser desse desconhecido e então efetuar o primeiro “recalcamento” de suas possibilidades de prazer. A partir daí, o “anal” permanecerá como símbolo de tudo o que deve ser repudiado, afastado da vida. A nítida separação posteriormente exigida entre os processos anais e genitais contradiz-se pelas estreitas analogias e ligações anatômicas e funcionais entre os dois (Ibid., p. 176, nota 1).

Os diques erguidos em função dos conflitos – asco, vergonha, moral – não impedem que algum grau de fixação em cada zona erógena se sustente por toda a vida. O erotismo oral, por exemplo, se tem seu ápice em determinada fase – a amamentação – persiste indefinidamente, o que atestam desde os distúrbios alimentares e “vômitos histéricos” (Ibid., p. 172) até simplesmente o gosto pelo beijo, pela bebida ou pelo fumo. A este respeito Freud explicita, em nota de 1920, que

Uma conseqüência inevitável dessas considerações é que devemos atribuir a cada indivíduo um erotismo oral, anal, uretral etc., e que a constatação dos complexos

anímicos correspondentes a estes não implica nenhum julgamento sobre anormalidade ou neurose (Ibid., p. 194, nota 1).

A propriedade de erotogenia, por sua vez, não é predestinada a zonas específicas: Freud a atribui, em nota de 1915, “a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos” (Ibid., p. 173, nota 1).

Algumas zonas serão privilegiadas pelo curso dos cuidados maternos, permitindo esboços de organização da pulsionalidade anárquica e auto-erótica, estabelecendo alguma comunicação entre impulsos primariamente alheios uns aos outros em seus esforços de satisfação e independentes de um objeto específico. Estes esboços de organização serão progressivamente associados a fases típicas do desenvolvimento: a organização oral, a anal-sádica, etc. “Estes estágios são designados pelas zonas erógenas cuja estimulação constitui a mais importante fonte da libido no período, por sua conexão com a função vital de maior relevância nesta etapa da vida” (Rudge, 1976, p. 44).

É a partir deste cenário que Freud aborda a atividade da zona genital. Ela deve à natureza, inicialmente, apenas a estimulação decorrente de sua ligação com a micção: “decerto não desempenha o papel principal nem pode ser a portadora das moções sexuais mais antigas” (Freud, 1996 [1905], p. 176). Fortalecida pela estimulação decorrente de “lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo” (Ibid., p. 177)⁵, o alvo sexual a que mais freqüentemente se liga é, desde os primórdios da lactância, a masturbação, da qual só se deslocará pela influência da cultura.

A organização das pulsões sob a primazia genital é sempre algo problemática. A sinonímia entre genitalidade e saúde torna-se, de fato, bastante relativa diante das considerações decididamente críticas que Freud tece a respeito da cultura e da moral sexual. No terceiro dos ensaios já indica que “acima de tudo, há o entrave autoritário da sociedade” (Ibid., p. 216) entre os fatores que previnem a “inversão”. Bem mais tarde, em *O mal-estar na civilização* (Freud, 1996 [1930 [1929]]), escreve:

Quanto ao indivíduo sexualmente maduro, a escolha de um objeto restringe-se ao sexo oposto, estando as satisfações extragenitais, em sua maioria, proibidas como

⁵ Vale dizer que este talvez seja o mínimo denominador comum dos mais diferentes graus de uma possível posterior fantasmagoria de sedução por “adultos perversos”.

perversão. A exigência, demonstrada nessas proibições, de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça (Freud, 1996 [1930 [1929]], p. 110).

Desde sua crítica da severidade excessiva da moral sexual é que Freud, por exemplo, fala em determinada prática *ser considerada* uma perversão, se refere às ‘*chamadas perversões sexuais*’ e nos conclama a “aprender a falar sem indignação sobre o que chamamos de perversões sexuais” (Freud, 1996 [1905 [1901]], p. 55).

Em 1917 Freud retoma o tema dos *Três ensaios* na vigésima de suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, intitulada “a vida sexual dos seres humanos” (Freud, 1996 [1917 [1916-1917]a]). Segundo Strachey, “sobre as perversões, não há comentários mais inteligíveis do que aqueles encontrados nas Conferências XX e XXI” (Freud, 1996 [1916-1917 [1915-1917]]], introdução do editor inglês, p. 17).

Pois bem, a vigésima conferência começa com uma provocação: “primeiro e acima de tudo, aquilo que é sexual é algo impróprio” (Freud, 1996 [1917 [1916-1917]a]), p. 309). A ironia recai sobre a idéia, expressa por um “conceituado psiquiatra” (Ibid., p. 309), de que o parto não tem nada de sexual: “Muito certo”, diz Freud, “o parto não necessita, em todo caso, ser algo impróprio” (Ibid., p. 309).

É assim, denunciando a moralidade que permeia o campo do sexual – provocando seus interlocutores, que “se ofendem por eu gracejar com coisas tão sérias” (Ibid., p. 309) – que introduz o termo ‘pervertido’, entre aspas e seguido de um “poderíamos dizer assim” (Ibid., p. 310). O que o termo vinha delimitando era uma miscelânea de figuras estranhas, somente comparáveis a “monstros grotescos” (Ibid., p. 311). Longe de um diagnóstico, tratava-se na verdade de um “séquito” (Ibid., p. 311) onde se enfileiravam “pessoas enigmáticas” (Ibid., p. 312) e “coisas loucas, excêntricas e horríveis” (Ibid., p. 312). Não há descrição mais precisamente excessiva do campo da perversão; ele comparece, no entanto, apenas como ponto de partida para uma teoria das pulsões ou uma, digamos, psicopatologia da vida sexual cotidiana.

Argumenta que tais “impropriedades” não são raridades, mas “pelo contrário, estamos tratando de fenômenos muito comuns e difundidos” (Ibid., p.

312). Também não são simples aberrações ou desvios: se não as entendermos, “não poderemos nem mesmo entender a sexualidade normal” (Ibid., p. 313).

A respeito do homossexualismo, insiste que

a reivindicação que fazem os homossexuais ou invertidos de serem uma exceção desfaz-se imediatamente ao constatarmos que os impulsos homossexuais são encontrados invariavelmente em cada um dos neuróticos e que numerosos sintomas dão expressão a essa inversão latente (Ibid., p. 313).

Em seguida acrescenta que “isso não elimina as diferenças entre o homossexualismo manifesto e uma atitude normal; permanece a importância prática dessas diferenças, *mas seu valor teórico diminui muito*” (Ibid., p. 313, grifo meu). Pelo menos até a época das *Conferências*, então, não há interesse por parte de Freud em ratificar a validade teórica do campo de comportamentos sexuais objetivos que o termo ‘perversão’ é muitas vezes convocado a delimitar.

Na conferência seguinte, *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, Freud (1996 [1917 [1916-1917]b]) estranha

O fato de essas perversões sexuais estarem sujeitas a uma condenação muito especial, que chegou mesmo a afetar a teoria e se opôs à avaliação científica delas. É como se ninguém pudesse esquecer que elas não são apenas algo repulsivo, mas também algo monstruoso e perigoso – como se as pessoas as sentissem como sedutoras e, no fundo, tivessem de sufocar uma secreta inveja daqueles que as experimentam (Freud, 1996 [1917 [1916-1917]b], p. 326).

A teorização das perversões é atravessada pela inveja, o que confirma que a sexualidade infantil, potencialmente perversa, só é superada depois de conflitos intensos e ao custo de ondas de recalcamientos que precisam ser mantidos em efeito ao longo da vida, mesmo nos casos em que o resultado final não é considerado patológico.

O reconhecimento do eterno conflito entre pulsões e sanções direciona, portanto, sua teorização em outro sentido: “na realidade, os perversos são, antes, uns pobres diabos, que têm de pagar extremamente caro pela satisfação que obtêm a duras penas” (Ibid., p. 326).

Por outro lado, já que as sanções são incapazes de suprimir totalmente as correntes colaterais do fluxo libidinal,

um ou outro traço de perversão raramente está ausente da vida sexual das pessoas normais. Pode-se alegar que até mesmo um beijo seria considerado ato pervertido, de vez que consiste na junção de duas zonas erógenas orais em vez de dois genitais (Ibid., p. 326-327)

O abismo entre normalidade e perversão é assim diminuído, através de suas raízes comuns na infância. O aspecto de rigidez dos alvos e objetos sexuais será novamente convocado para caracterizar a essência das perversões:

Reconheceremos, cada vez com maior nitidez, que a essência das perversões não está na extensão do objetivo sexual, nem na substituição dos genitais, e, mesmo, nem sempre na escolha diferente do objeto, mas sim unicamente na exclusividade com a qual se efetuam esses desvios *e em consequência dos quais* o ato sexual a serviço do objetivo de reprodução é posto de lado (Ibid., p. 327, grifo meu).

De fato, a diferença entre sexualidade pervertida e sexualidade infantil é justamente que a primeira é “muito bem centrada” (Ibid., p. 327): um dos instintos componentes assume predominância, submetendo os outros a seus propósitos (Ibid., p. 327). Ora, o passo lógico seguinte é reconhecer que a primazia genital, se muito estrita, se aproxima de uma perversão em seu caráter tirânico:

Nesse aspecto, não há diferença alguma entre sexualidade pervertida e normal, a não ser o fato de que seus instintos componentes dominantes e, conseqüentemente, seus fins sexuais são diferentes. Em ambas, pode-se dizer, estabeleceu-se uma bem organizada tirania, mas, em cada uma das duas, uma família diferente tomou as rédeas do poder. À sexualidade infantil, por outro lado, falando genericamente, falta essa centralização; seus instintos componentes separados possuem iguais direitos, cada um dos quais seguindo seus próprios rumos na busca de prazer (Ibid., p. 327-328).

Freud sugere inclusive que sejam considerados separadamente os casos em que a sexualidade adulta conserva um caráter anárquico – pulsões parciais persistindo em seus fins “independentemente uns dos outros” (Ibid., p. 328). Nestes casos, sugere, “é melhor falar em infantilismo da vida sexual, e não em perversão” (Ibid., p. 328).

Diante disto, novamente a naturalidade da primazia genital – pressuposto em função do qual os *desvios* e perversões se caracterizam como tais – entra em questão, fazendo contraste com seu caráter tirânico. A fisiologia não explica tal primazia: “mesmo o supremo prazer da união sexual apenas é um prazer do órgão,

vinculado à atividade dos genitais” (Ibid., p. 328). Portanto, “é apenas uma questão de órgãos genitais *versus* outros órgãos” (Ibid., p. 329).

Se a primazia genital é uma organização tirânica que depende de sanções sucessivas e compromissos possíveis diante de conflitos insolúveis – se “a vida sexual (...) não emerge como algo pronto” (Ibid., p. 332) – há que se repensar sua vinculação com a saúde.

A relativização moral do campo das configurações sexuais em adultos é decorrência da caracterização da sexualidade infantil como polimorfa e perversa. Se Freud continua a usar, em textos subsequentes, o “pouco lisonjeiro” (Freud, 1996 [1917 [1916-1917]a], p. 321) termo ‘perversão’, o primeiro ensaio e as conferências de 1917 deixaram marcado, já tão cedo, o quanto a psicanálise intenta subvertê-lo, encurralando tanto pretensões de torná-lo parte de uma nosografia quanto o paradoxal caráter moral que carrega. Em termos teóricos, a fórmula de 1905 – a neurose é o negativo da perversão – “*inscreve-se em oposição radical a toda a pretensão estrutural que não a estrutura comum do psiquismo humano*” (Barande, 1980, p. 164).

Esta postura de Freud fazia também muita diferença na clínica. O relato de um de seus casos, escrito em 1920 sob o título *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (Freud, 1996 [1920b]), nos fornece o maior exemplo disso. Trata-se de uma moça apaixonada por uma mulher, que chega a Freud por imposição do pai. A paixão não é tomada como problema pela moça, mas sim pelo pai, e as considerações que Freud tece a este respeito são bastante significativas.

No início do texto, avisa:

Sabe-se bem que a situação ideal para a análise é a circunstância de alguém que, sob outros aspectos, é seu próprio senhor, estar no momento sofrendo de um conflito interno, que é incapaz de resolver sozinho; assim leva seu problema ao analista e lhe pede auxílio (Freud, 1996 [1920b], p. 161).

O que difere disto – a demanda que vem do pai, neste caso em que “a tarefa a cumprir (...) [consiste] em transformar determinada variedade da organização genital da sexualidade em outra” (Ibid., p. 162) – será comparado por Freud a “situações como as de um proprietário em perspectiva, que ordena a um arquiteto construir-lhe uma vivenda de acordo com seus próprios gostos e exigências”

(Ibid., p. 161), situações que, acrescenta, “são, no fundo, incompatíveis com as condições necessárias à psicanálise” (Ibid., p. 161-162).

Note-se que, coerente com o primeiro ensaio, a homossexualidade não é nem mesmo tomada como uma inibição do desenvolvimento, mas sim como uma simples *variedade* da organização sexual. Se isto é bastante contraditório com a idéia de uma primazia genital que define a saúde psíquica através do apelo teleológico à preservação da espécie, tomo a própria contradição como índice do quão pouco esta última idéia norteava Freud em sua prática clínica. Um índice, novamente, da independência entre a direção da cura em psicanálise e as múltiplas configurações possíveis da sexualidade.

A metáfora do proprietário, a este respeito, não poderia ser mais eloqüente. Coloca-nos o problema de discernir, na clínica, as situações em que nos afastamos da psicanálise ao incorporarmos, nós mesmos, o proprietário e suas exigências – em última instância, quaisquer sanções sociais colocadas *a priori*. Não seria uma destas exigências, enfim, a primazia da genitalidade?

A própria noção de cura, em sua especificidade psicanalítica, deve ser levada em conta. É através de um outro exemplo que Freud nos chama a atenção para isto:

Ou então os pais esperam que curem seu filho nervoso e desobediente. Entendem por criança sadia a que nunca cause problemas aos pais, e nada lhes dê senão prazer. O médico pode conseguir a cura da criança, *mas, depois, ela faz o que quer com mais decisão ainda*, e a insatisfação dos pais é bem maior que antes (Ibid., p. 162, grifo meu).

Mesmo em casos em que a homossexualidade, por exemplo, apresentava-se como um conflito interno, e sua transformação em heterossexualidade constituía a demanda explícita,

o sucesso consistia essencialmente em facilitar o acesso ao sexo oposto (até então barrado) a uma pessoa restrita ao homossexualismo, restaurando assim suas funções bissexuais plenas. Depois, competia a ela escolher se desejava abandonar o caminho que é proibido pela sociedade (Ibid., p. 162).

Se me permitem uma vinheta clínica, lembro-me de um analisando que tentava, de forma recorrente, tornar-me o “proprietário”. Dizia ter certeza que todos os seus problemas derivavam de sua “homossexualidade” (termo que ele

próprio oferecia) e pedia-me que o indicasse “o caminho certo”. Eu, ao contrário, o provocava em sua relação com sua mãe, com quem vivia voluntariamente (ele contava então 51 anos de idade) não obstante adotar uma postura marcadamente ambivalente de submissão a ela. A submissão, por sua vez, restringia bastante sua vida social e sexual, esta última exercida exclusiva e compulsivamente através de idas a termas onde mantinha relações com outros homens. Certa vez me intimou a fazê-lo parar de ir às tais termas, pois esse era seu maior problema, e respondi que se fizesse isso estaria o ajudando a fechar a última porta que permanecia aberta em sua sexualidade.

No relato de Freud, vale dizer, não aparece o termo ‘perversão’. A respeito de diagnósticos, se Freud argumenta contra a caracterização do caso como neurose – “a jovem nunca fora neurótica e chegou à análise sem um único sintoma histérico” (Ibid., p. 167) – é para aproximá-lo da “vida ordinária” (Ibid., p. 177). Antes de interromper, ele próprio, o tratamento, Freud havia chegado a um ponto decisivo, onde “a batalha com as resistências irrompe a sério” (Ibid., p. 175), e aí se deparara, na verdade, com uma modalidade de resistência semelhante à encontrada em casos de neurose obsessiva (Ibid., p. 175).

É este seu vocabulário – neurose, sintoma, conflito, resistência. O precipitado oitocentista de que parte – representado pelos termos ‘homossexual’ e ‘inversão’ – será tornado bastante obsoleto pelo processo de análise. Isto fica claro quando coloca uma questão diagnóstica “estéril e despropositada” (Ibid., p. 166) que interessa a “leitores não versados em psicanálise” (Ibid., p. 165): “o caso provou ser homossexualismo congênito ou adquirido (desenvolvido posteriormente)?” (Ibid., p. 165).

Freud vai argumentar em favor das duas possibilidades, mas sua conclusão definitiva é que a própria formulação da questão dá relevo demais ao “aspecto (tipo de escolha de objeto) que é o único que impressiona o leigo” (Ibid., p. 182). Daí que “não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo” (Ibid., p. 182).

Quinze anos depois, uma demanda semelhante – feita por uma mãe a respeito de seu filho – será respondida por Freud, através de uma carta, ainda no mesmo espírito. Homossexualidade, escreve,

Não é nada de que tenhamos que ter vergonha. Não é vício, degradação e *não pode ser classificada como uma doença*. Consideramos a homossexualidade como uma variação da função sexual (...). O que a análise pode fazer por seu filho caminha numa linha diferente. Se ele é infeliz, neurótico, dilacerado por conflitos, inibido em sua vida social, a análise pode trazer-lhe harmonia, paz de espírito, plena eficiência, quer ele permaneça homossexual ou mude (Freud APUD Costa, 1995, p. 255, grifo meu).⁶

Em resumo, discerne-se tanto no relato clínico de 1920 quanto na carta de 1935 que, levado a sério, o primeiro dos três ensaios rompe com o uso anterior do termo ‘perversão’ para denotar comportamentos sexuais específicos. Mais do que isso, esboça um papel para o termo – referente à irreduzível pluralidade, em qualquer um, criança ou adulto, de destinos para a sexualidade – que é largamente incompatível com a função de rótulo para uma entidade diagnóstica psicanalítica, qualquer que seja.

3.1 Uma sexualidade atravessada por conflitos

Vale a pena percorrer as principais contribuições de Freud no tocante à pluralidade das organizações sexuais adultas e suas estreitas relações com conflitos universais da infância.

No artigo *Caráter e erotismo anal* (Freud, 1996 [1908a]), que Strachey diz ter causado “indignação e (...) assombro” (Freud, 1996 [1908a], p. 157) quando publicado, Freud investiga uma tríade de características que se apresentam, segundo sua experiência clínica, como um conjunto: a ordem – “abrange a noção de esmero individual (...) o escrúpulo no cumprimento de pequenos deveres e a fidedignidade”⁷ (Ibid., p. 159) – a parcimônia – “pode aparecer de forma exagerada como avareza” (Ibid., p. 159) – e a obstinação – “pode transformar-se em rebeldia, à qual podem facilmente associar-se a cólera e os ímpetos vingativos” (Ibid., p. 159).

Pois bem, a partir dos relatos e lembranças destes analisandos, tais traços de caráter, bastante comuns, serão remetidos ao erotismo anal da infância:

⁶ A data da carta na verdade é fornecida em Gay (1989, p. 550-551), onde também é citada.

⁷ Strachey acrescenta que o termo em alemão – *Ordentlich*, ‘ordeiro’ – na verdade tem grande variedade de usos, podendo ser utilizado como sinônimo de, entre outros, ‘correto’, ‘confiável’ (*trustworthy*) e ‘decente’.

É fácil inferir da história da primeira infância desses indivíduos que os mesmos dispenderam um tempo relativamente longo para superar sua *incontinencia alvi* [incontinência fecal] infantil, e que na infância posterior sofreram falhas isoladas nessa função. Quando bebês, parecem ter pertencido ao grupo que se recusa a esvaziar os intestinos ao ser colocado no urinol, porque obtém um prazer suplementar do ato de defecar (Ibid., p. 159-160).

O que o autor sugere é que as três características são sublimações ou formações reativas⁸ que se dão às expensas das excitações provenientes desta zona erógena e constituem assim um compromisso possível entre o erotismo anal e “a educação que a nossa atual civilização exige” (Freud, 1996 [1908a], p. 161). O “interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo” (Ibid., p. 162) – paradigmaticamente as fezes – não é, pois, suprimido, mas deslocado através de vias simbólicas.

A relação entre o “apego ao dinheiro” (Ibid., p. 162) e a defecação será, assim, exemplificada por seus indícios na linguagem popular, nos mitos e superstições. Um destes exemplos é bem significativo:

Sabemos que o ouro entregue pelo diabo a seus bem-amados converte-se em excremento após sua partida, e o diabo nada mais é do que a personificação da vida instintual inconsciente reprimida (Ibid., p. 162-163).

Uma vez trilhada a inescapável via do “interesse erótico original na defecação” (Ibid., p. 163), sua aparente extinção estará condicionada ao surgimento de algum substituto, por exemplo, algo tão simples quanto “o interesse pelo dinheiro, que não existia na infância” (Ibid., p. 163).

As organizações sexuais adultas começam a ser recortadas por estas considerações: a forma “final” da sexualidade agrega graus variados de “contribuições das excitações periféricas de determinadas partes do corpo” (Ibid., p. 160) (entre as quais Freud cita os próprios genitais), sendo outra parte destas contribuições, em função de conflitos, sublimada ou empregada em formações reativas.

Isso promove, enfim, uma certa redistribuição das organizações sexuais consideradas perversas. Sendo a sexualidade de cada indivíduo um mosaico,

⁸ Neste texto os termos parecem ser usados como sinônimos. No terceiro dos *Três ensaios*, no entanto, Freud havia considerado a “supressão por formação reativa” (Freud, 1996 [1905], p. 225) uma “subvariedade da sublimação” (Ibid., p. 225).

distinções e gradações em entidades nosográficas antes algo unívocas – a homossexualidade, por exemplo – serão possíveis:

Provavelmente não encontraremos um acentuado grau de ‘caráter anal’ nos indivíduos que conservaram na vida adulta o caráter erógeno da zona anal, como acontece, por exemplo, com certos homossexuais (Ibid., p. 163-164).

No mesmo ano, em *Sobre as teorias sexuais das crianças* (Freud, 1996 [1908b]), Freud examina “o interesse pelos problemas do sexo nos anos anteriores à puberdade” (Freud, 1996 [1908b], p. 191), do qual nenhuma criança escapa. As teorias sexuais infantis que daí surgem permeiam a vida posterior, sendo assim “indispensáveis para uma compreensão das próprias neuroses, já que nestas ainda atuam (...) exercendo uma decisiva influência sobre a forma assumida pelos sintomas” (Ibid., p. 193).

O ponto de partida da investigação infantil não é a diferença entre os sexos, “tão semelhantes em outros aspectos” (Ibid., p. 193), mas a questão da origem dos bebês. O tema é motivado pela perda, ou ameaça de perda, “dos carinhos dos pais” (Ibid., p. 193) para estes concorrentes, ou ainda pelo simples “desejo da criança por um companheiro de brinquedos, tal como viu em outras famílias” (Ibid., p. 193). A pesquisa, portanto, é “o produto de uma exigência vital” (Ibid., p. 194), apesar de “logo se torn[ar] independente desta instigação e pass[ar] a operar como um instinto auto-sustentado” (Ibid., p. 194).

O método de questionar diretamente os pais ou cuidadores, “que representam a seus olhos a fonte de todo o conhecimento” (Ibid., p. 194) logo sucumbe diante de “respostas evasivas, (...) repreensões por sua curiosidade, ou ainda (...) explicaç[ões] mitológica[s]” (Ibid., p. 194). Não satisfeitas, “começam a desconfiar dos adultos e a suspeitar que estes lhe escondem algo proibido” (Ibid., p. 194), partindo sozinhas em busca de explicações coerentes com o que lhes é imposto pelo atual estado de sua pulsionalidade.

Com isso, entretanto, a criança experimenta o seu primeiro ‘conflito psíquico’, pois certas concepções pelas quais sente uma preferência instintual não são consideradas corretas pelos adultos e contrapõem-se a outras defendidas pela autoridade dos mais velhos, as quais, entretanto, não lhe parecem aceitáveis (...). O conjunto de concepções consideradas ‘boas’, mas que resultam numa cessação da reflexão, torna-se o conjunto das concepções dominantes e conscientes, enquanto o outro conjunto, a favor do qual o trabalho de investigação infantil coligiu novas provas, as quais entretanto não devem ser consideradas, torna-se o conjunto das

opiniões reprimidas e inconscientes. Está assim formado o complexo nuclear de uma neurose (Ibid., p. 194-195).

As teorias a que chegam, “embora cometam equívocos grotescos (...) contém um fragmento da verdade” (Ibid., p. 195), já que “provém dos componentes do instinto sexual que já atuam no organismo infantil” (Ibid., p. 195). São estes componentes, tal como se organizam em relação com os cuidados maternos primários, que delimitam certos grupos de teorias típicas.

A primeira que Freud examina “consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis” (Ibid., p. 196). Derivada, nos meninos, da excitabilidade diferenciada da zona genital, traduz “sua incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante a ele que seja desprovida desse constituinte essencial” (Ibid., p. 196). Esta premissa pode resistir às evidências posteriores e manter, em algum grau, o pênis como condição de valorização do objeto na organização sexual “definitiva”. Um indivíduo do sexo masculino pode, por exemplo, “procurar seu objeto sexual entre os homens que, devido a características físicas e mentais, lembram a mulher” (Ibid., p. 196).

Esta valorização do pênis, vinculando-se às sanções, possivelmente bastante precoces, à masturbação, pode ainda implicar num horror aos genitais femininos, “encarados como um órgão mutilado” (Ibid., p. 197). As sanções à masturbação neste caso adquiriram o caráter de uma “ameaça de castração” (Ibid., p. 197). A noção de um complexo de castração duradouro e inconsciente, cuja universalidade como “transtorno da vida emocional” (Ibid., p. 197) parece atestada nas “lendas e [n]os mitos” (Ibid., p. 197), terá grande importância até as elaborações freudianas mais tardias.

A segunda das teorias parte do “conhecimento de que os bebês crescem no interior do corpo da mãe” (Ibid., p. 195), derivado da observação da gestação, e da premissa da universalidade do pênis. Motivada pela importância erógena que adquirira a zona anal, consiste em acreditar que “o bebê precisa ser expelido como excremento, numa evacuação” (Ibid., p. 198). Freud acrescenta ainda que originalmente “a idéia de vir ao mundo como uma massa de fezes não era degradante, não tendo sido ainda condenada por sentimentos de repugnância” (Ibid., p. 199).

A consequência desta teoria é que a criança nega “às mulheres o doloroso privilégio de dar à luz bebês” (Ibid., p. 199). De fato, “é possível que o menino imagine que também ele tenha filhos, sem que por isto tenhamos de lhe atribuir inclinações femininas” (Ibid., p. 199).

A terceira teoria é a “concepção sádica do coito” (Ibid., p. 199): as crianças “interpretam o ato de amor como sendo um ato de violência” (Ibid., p. 200). Partindo possivelmente de detalhes da relação sexual, como “as posições das duas pessoas, os ruídos ou qualquer circunstância acessória” (Ibid., p. 199), vincula-os “ao obscuro impulso para um comportamento cruel que se associou às excitações do pênis da criança” (Ibid., p. 200), que Freud havia caracterizado como o ímpeto “a um ato violento, a esmagar ou romper qualquer coisa, a abrir um buraco em algum lugar” (Ibid., p. 198).

As peculiaridades da relação entre os pais desempenham também um papel importante para o surgimento desta concepção sádica:

Em muitos casamentos a esposa de fato resiste ao abraço do marido, que não lhe causa prazer, mas sim o risco de uma nova gravidez. E assim a criança que julgam adormecida (ou que se finge adormecida) pode ficar com a impressão de que sua mãe se defendia de um ato de violência. Outras vezes o casamento oferece à observadora criança o espetáculo de brigas contínuas, expressas em palavras duras e gestos inamistosos. Assim, ela não se surpreende se o conflito continua à noite, sendo por fim encerrado pelo método que ela própria utiliza em sua relação com os irmãos e irmãs ou companheiros de brinquedos (Ibid., p. 200).

O casamento, aliás, torna-se uma questão em si, sendo as diversas teorias acerca de sua natureza e conteúdo ligadas pelo “fato de que a criança vê no casamento uma promessa de prazer e acredita que esse prazer esteja relacionado com uma ausência de pudor” (Ibid., p. 201). Símbolo da possibilidade de uma área de satisfação pulsional livre de sanções, toma diversas formas: “os casados urinam um em frente do outro” (Ibid., p. 201), ou “as duas pessoas mostram seus traseiros um ao outro (sem sentir vergonha)” (Ibid., p. 201).

Estes primeiros esforços intelectuais marcarão significativamente a vida posterior, fornecendo as primeiras trilhas e associações simbólicas que constituirão a base do terreno em que se perpetua o conflito entre a pulsionalidade e a civilização.

Ainda de 1908 é *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* (Freud, 1996 [1908c]), segundo Strachey “a primeira das longas exposições de

Freud sobre o antagonismo entre civilização e vida instintual” (Freud, 1996 [1908c], p. 167). Aqui o autor explora os danos a que estão sujeitas “a saúde e a eficiência dos indivíduos” (Ibid., p. 169) sob regimes progressivamente restritivos da vida sexual.

Alguns dos fatores que vêm a produzir uma neurose são todos aqueles “que prejudicam a vida sexual, suprimem sua atividade ou distorcem seus fins” (Ibid., p. 173). A própria civilização depende em algum grau de tais fatores, através dos quais “cada indivíduo renuncia (...) a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade” (Ibid., p. 173).

Isto não se dá exclusivamente pela coerção, mas também são “os sentimentos familiares derivados do erotismo que leva[m] o homem a fazer essa renúncia” (Ibid., p. 173), sentimentos cujas raízes, é razoável supor, encontram-se na infância.

Àquele que não consegue levar a cabo esta renúncia Freud discerne dois destinos: “torna-se um ‘criminoso’, um ‘outlaw’, diante da sociedade – a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um ‘herói’” (Ibid., p. 173).

Destinos menos extremos e mais verossímeis para o conflito começam a se delinear em seguida, permeados por graus variados tanto de sublimação pulsional – “capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro” (Ibid., p. 174) – quanto de fixação obstinada, o que “leva algumas vezes (...) até as chamadas anormalidades” (Ibid., p. 174).

A capacidade de sublimação, no entanto, parece em geral bastante limitada:

Para a grande maioria das organizações parece ser indispensável uma certa quantidade de satisfação sexual direta, e qualquer restrição dessa quantidade, que varia de indivíduo para indivíduo, acarreta fenômenos que, devido aos prejuízos funcionais e ao seu caráter subjetivo de desprazer, devem ser considerados como uma doença (Ibid., p. 174).

Esta satisfação sexual direta, por sua vez, é sempre atravessada pela sexualidade infantil, anárquica, auto-erótica e “pervertida”: “no homem o instinto sexual não serve originalmente aos propósitos da reprodução, mas à obtenção de determinados tipos de prazer” (Ibid., p. 174).

As possibilidades de compromisso entre renúncia e satisfação dependerão do grau de renúncia exigido, ou seja, do quão restrito é o ideal da moral sexual em vigor. Mesmo quando se trata de um ideal em função do qual “tudo do instinto sexual é suprimido, exceto quando serve ao objetivo da reprodução” (Ibid., p. 175) – que não é ainda o mais restrito – uma série de sofrimentos advém.

Entre estes, Freud situa as perversões e a homossexualidade, marcando alguma diferença entre os termos, baseado na distinção entre especificidades de alvos e objetos sexuais, respectivamente. Tais organizações são ainda marcadas por graus diversos de capacidade sublimatória, uma aptidão que o autor discerne particularmente nos “homossexuais” (Ibid., p. 175-176).

As formas mais acentuadas – mais rígidas, exclusivas – de perversão e homossexualidade tornam o indivíduo “socialmente inútil e infeliz” (Ibid., p. 176), e seu destino variará conforme a intensidade de sua libido. Se esta for pouco intensa, o sujeito conseguirá suprimir suas inclinações, à custa de esgotar todas as suas forças neste empreendimento. “É como se esses indivíduos estivessem interiormente inibidos e exteriormente paralisados” (Ibid., p. 176).

Se a libido é intensa, dois desdobramentos são possíveis: ou o indivíduo cede ao pólo pulsional e “sofre as conseqüências” (Ibid., p. 176) sociais – caso no qual Freud não se detém por considera-lo muito menos interessante – ou o indivíduo procederá a uma supressão “falsa, ou melhor, frustrada” (Ibid., p. 176). Não obstante o esforço, as moções pulsionais se expressarão de outras formas “igualmente nocivas para o sujeito, e que o tornam tão inútil para a sociedade quanto o teria inutilizado a satisfação de seus instintos suprimidos” (Ibid., p. 176). São os que sucumbem à neurose:

nas neuroses os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente – porque as neuroses contêm as mesmas tendências, ainda que em estado de ‘repressão’, das perversões positivas (Ibid., p. 177).

A situação se agrava quando o ideal se restringe ainda mais e a moral “proíbe toda atividade sexual fora do matrimônio legítimo” (Ibid., p. 178), estágio em que Freud situa a moral sexual de sua época. Neste caso a abstinência exigida até o casamento provoca não só o aumento do número de neuróticos como também, de forma geral, “homens fracos mas bem comportados, que mais tarde se

perdem na multidão que tende a seguir, de má-vontade, os caminhos apontados por indivíduos fortes” (Ibid., p. 181).

Na mulher a supressão vai ainda mais longe, já que em relação a ela

a educação (...) utiliza medidas drásticas (...) conservando-a ignorante do papel que irá desempenhar e não tolerando nela qualquer impulso amoroso que não possa conduzir ao casamento (Ibid., p. 182).

Isto dificultaria o investimento objetal, permanecendo “seus sentimentos mentais (...) presos aos seus genitores, cuja autoridade acarretou a supressão de sua sexualidade” (Ibid., p. 182).

Assim, o resultado final de uma moral excessivamente exigente e unívoca é bastante prejudicial: “é difícil para o não iniciado acreditar quão rara é a potência normal num marido e quão freqüente é a frigidez feminina no casal que vive sob o império da nossa moral sexual civilizada” (Ibid., p. 185).

Os filhos deste casal moralizado, por sua vez, tenderão à neurose em decorrência das experiências infantis atravessadas pelo desencontro do casal parental:

À primeira vista, parece um caso de hereditariedade, mas a um exame mais apurado comprova-se ser na realidade o efeito de poderosas impressões infantis. Uma esposa neurótica, insatisfeita, torna-se uma mãe excessivamente terna e ansiosa, transferindo para o filho sua necessidade de amor. (...) Além disso, o mau relacionamento dos pais excita a vida emocional da criança, fazendo-a sentir amor e ódio em graus muito elevados ainda em tenra idade. Sua educação rígida (...) vai em auxílio da força supressora e esse conflito, em idade tão tenra, fornece todos os elementos necessários ao aparecimento de uma doença nervosa (Ibid., p. 185).

Todas estas condições, na verdade, formam um complexo que será eventualmente universalizado, o complexo de Édipo.

As neuroses, enfim, através dos sintomas, não deixam de representar uma derrota da cultura, já que “sempre conseguem frustrar os objetivos da civilização, efetuando assim a obra das forças mentais suprimidas que são hostis à civilização” (Ibid., p. 185).

É curioso notar ainda que neste artigo a polaridade fundamental pulsão-cultura, em que se baseava, em parte, a polaridade perversão-neurose, esboça desdobrar-se em toda uma série simbólica que inclui os binômios saúde-doença e mau-bom: “aqueles que desejam ser mais nobres do que suas constituições lhes

permitem, são vitimados pela neurose. Esses indivíduos teriam sido mais saudáveis se lhes fosse possível ser menos bons” (Ibid., p. 177).

Logo adiante, são acrescentadas à série as polaridades ativo-passivo e homem-mulher:

É comum a irmã de um perverso sexual (...) apresentar uma neurose cujos sintomas expressam as mesmas inclinações das perversões do seu irmão, mais ativo sexualmente. Correlatamente, em muitas famílias os homens são saudáveis, embora do ponto de vista social sejam altamente imorais, enquanto as mulheres, cultas e de elevados princípios, sucumbem a graves neuroses (Ibid., p. 177).

Estas conjecturas parecem refletir o teor que a distinção entre os sexos adquire durante o desenvolvimento, o que será tematizado em artigos posteriores através da investigação da organização genital infantil, a fase fálica.

Em 1910, novo terreno é ganho a respeito dos desdobramentos inevitáveis da sexualidade infantil na vida adulta. Freud examina *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (Freud, 1996 [1910]) que agrega características “cuja combinação é ininteligível, e até desconcertante” (Freud, 1996 [1910], p. 171) até que seja compreendido sob a luz do complexo edipiano dos anos pré-púberes.

A primeira característica deste tipo de investimento é “a precondição de que deva existir ‘uma terceira pessoa prejudicada’” (Ibid., p. 172). A escolha de objeto recai invariavelmente sobre mulheres comprometidas: “a mulher pode ser ignorada ou mesmo rejeitada, desde que não pertença a qualquer homem, mas torna-se objeto de sentimentos apaixonados, tão logo estabeleça um desses relacionamentos com outro homem” (Ibid., p. 172). Estará garantida, assim, “a oportunidade para gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada” (Ibid., p. 172). Esta condição é muito freqüente e pode aparecer independentemente das outras.

A segunda condição consiste em preterir “a mulher casta e de reputação irrepreensível” (Ibid., p. 172) em favor de uma “mulher que é, de uma ou outra forma, sexualmente de má reputação, cuja fidelidade e integridade estão expostas a alguma dúvida” (Ibid., p. 172). Esta condição, que Freud designa, “de maneira um tanto crua, ‘amor à prostituta’” (Ibid., p. 172), indica a necessidade de que o ciúme permeie o relacionamento, mas de forma bastante específica: “o incomum é que se torna alvo desse ciúme não o possuidor legítimo da pessoa amada, mas estranhos que fazem seu aparecimento pela primeira vez” (Ibid., p. 172).

A terceira característica, que já diz respeito ao comportamento do amante, é a estranha coexistência de um investimento intenso e exclusivo do objeto – “enorme dispêndio de energia mental, com exclusão de todos os demais interesses” (Ibid., p. 173) – e uma particular aptidão a substituí-lo por outro – “os objetos amorosos podem substituir uns aos outros, tão amiúde, que se forma uma extensa série dos mesmos” (Ibid., p. 173).

A quarta e última característica destes amantes “é a ânsia que demonstram de ‘salvar’ a mulher amada” (Ibid., p. 174). O sujeito se convence de que sua presença mantém a amada no “caminho da virtude” (Ibid., p. 174) e de que “sem ele perderá todo o controle moral e rapidamente descera para um nível lamentável” (Ibid., p. 174).

Pois bem, todas as características serão remetidas a uma só fonte, a “fixação infantil d[os] sentimentos de ternura pela mãe” (Ibid., p. 174). Assim, o “protótipo materno da escolha de objeto” (Ibid., p. 174) será encontrado em algum grau nos amores de forma geral. O terceiro prejudicado é um substituto do pai, que sob a ótica infantil é “parte inseparável da essência da mãe” (Ibid., p. 175).

A fidelidade e intensidade do amor explica-se por “ninguém possui[r] mais de uma mãe” (Ibid., p. 175). No entanto, em termos inconscientes, a idéia de algo insubstituível “surge como subdividida em uma série infindável: infindável pelo fato de que cada substituto, não obstante, deixa de proporcionar a satisfação desejada” (Ibid., p. 175).

A descoberta de que a mãe é um ser sexuado produziria no pré-púbere uma associação entre ela e a prostituta, figura ambivalente que conjuga desejo e horror, sendo além disso mantida “no desprezo geral” (Ibid., p. 176) pela sociedade.

Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo. Não perdoa a mãe por ter concedido o privilégio da relação sexual, não a ele, mas a seu pai, e considera o fato como um ato de infidelidade (Ibid., p. 176-177).

Este momento parece espelhar ainda a decepção que a criança sentiu diante das insatisfatórias respostas dos adultos às suas primeiras investigações. Uma corrosão análoga de sua autoridade se produz em função de sua sexuação: “a autoridade dos adultos (...) parece incompatível com a revelação de suas atividades sexuais” (Ibid., p. 176).

A mãe sexuada, objeto central do conflito entre proibição e satisfação, ganha então grande importância na fantasia:

Como resultado da ação combinada, constante, de duas forças impulsivas, desejo e sede de vingança, as fantasias acerca da infidelidade da mãe são, de longe, as que prefere; o amante com o qual ela comete o ato de infidelidade, quase sempre exibe as feições do próprio ego do menino, ou, mais exatamente, de sua própria personalidade idealizada, adulta e, assim, elevada ao nível do pai (Ibid., p. 177).

Finalmente, a vontade de salvar é a vontade de quitar a dívida vital que tem com os pais: suas raízes inconscientes seriam “impulsos que lutam pelo poder e pela independência” (Ibid., p. 178), que se configuram eventualmente também como um desafio ao pai.

É como se o desafio do menino o fizesse dizer: ‘Não quero nada de meu pai; devolver-lhe-ei tudo quanto gastou comigo’. Ele cria então a fantasia de salvar o pai de perigo e de proteger-lhe a vida (Ibid., p. 178).

Em relação à mãe a ternura toma a precedência e salvá-la “adquire o significado de lhe dar uma criança ou de lhe fazer uma criança – é supérfluo dizer, uma igual a ele” (Ibid., p. 178). A fantasia de salvamento da mãe, então, conjuga convenientemente “todos os seus instintos, os de ternura, gratidão, lascívia, desafio e independência” (Ibid., p. 178), convergindo ainda para “o desejo único de ser o próprio pai” (Ibid., p. 178).

O sucessor deste artigo data de 1912 e intitula-se *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (Freud, 1996 [1912]). Nele, Freud deriva, da análise da impotência psíquica, uma peculiaridade do desenvolvimento sexual humano que estabelece um certo grau irredutível de insatisfação amorosa: o descompasso entre ternura e sensualidade.

A impotência psíquica consiste na “recusa dos órgãos executores da sexualidade de levar a cabo o ato sexual, conquanto antes e depois eles possam demonstrar-se como íntegros e capazes de praticá-lo” (Freud, 1996 [1912], p. 185). É uma impotência condicional, circunstancial: “um malogro dessa espécie só surge quando a tentativa se realiza com determinadas pessoas, enquanto com outras nunca há qualquer cogitação de tal insucesso” (Ibid., p. 185).

Vimos que uma situação parecida era interpretada por Krafft-Ebing como uma parestesia, e diagnosticada como perversão: o instinto sexual estaria sendo

despertado por excitações inadequadas. A leitura de Freud valoriza, ao invés disso, a “influência inibitória” (Ibid., p. 186) envolvida, e a explica baseando-se em “complexos psíquicos” (Ibid., p. 186) básicos: “uma fixação incestuosa na mãe ou na irmã, que nunca foi superada, desempenha um papel importante nesse material patogênico e constitui o seu conteúdo mais universal” (Ibid., p. 186).

Estas primeiras escolhas objetais, permeadas por interesses de auto-preservação, constituem-se como a “corrente afetiva” (Ibid., p. 186) do investimento. São as primeiras trilhas do erotismo, abertas sob a égide de necessidades vitais: “os instintos sexuais encontram seus primeiros objetos ao se apegarem às apreciações feitas pelos instintos do ego” (Ibid., p. 186).

Na puberdade, quando as cotas pulsionais tornaram-se “muito mais poderosas” (Ibid., p. 187), o investimento pelas trilhas mais precoces tornou-se impossível: ergueu-se, nesse meio tempo, a “barreira contra o incesto” (Ibid., p. 187). Delineia-se, a partir daí, a difícil tarefa de fazer recair sobre um objeto “estranho” – não-incestuoso – “a mais alta valorização psíquica” (Ibid., p. 187) reservada aos primeiros objetos.

Os dois obstáculos a este empreendimento – a “quantidade de frustração da realidade que se opõe à nova escolha de objeto” (Ibid., p. 187) e a “quantidade de atração que são capazes de exercer os objetos infantis” (Ibid., p. 187) – estarão representados em quaisquer soluções que advenham, marcando algum grau de divisão psíquica.

Ao proibir o objeto de maior valor, a mãe, a barreira ao incesto estabelece uma divisão entre estima e desejo, atestada pela impotência psíquica:

O estranho malogro, demonstrado na impotência psíquica, faz seu aparecimento sempre que um objeto, que foi escolhido com a finalidade de evitar o incesto, relembra o objeto proibido através de alguma característica, freqüentemente imperceptível (Ibid., p. 188-189).

A proteção contra a impotência, assim, consiste em uma depreciação do objeto que torna-o passível de investimento libidinal:

Podemos agora compreender os motivos ocultos sob as fantasias do menino (...) que degradam a mãe ao nível de uma prostituta. São esforços para transpor a distância entre as duas correntes amorosas, pelo menos em fantasia e, pela depreciação da mãe, adquiri-la como objeto de sensualidade (Ibid., p. 189).

Freud passa então a considerações sociológicas, identificando, a partir da universalidade dos fatores em jogo, “a perspectiva da impotência psíquica como uma condição universal da civilização” (Ibid., p. 189-190). Algum grau de impotência “caracteriza, de fato, o amor do homem civilizado” (Ibid., p. 190), seja qual for a organização definitiva de sua sexualidade.

Os “componentes perversos” (Ibid., p. 191), infantis, de cada organização continuam sendo a fonte primária de prazer. De fato, sua supressão leva progressivamente a uma genitalidade caricatural, tirânica, produzindo homens “psicanestésicos: (...) que nunca falham no ato, mas que o realizam sem dele derivar qualquer prazer especial” (Ibid., p. 190) e “mulheres frígidas” (Ibid., p. 190).

A supressão terá de ser compensada, no entanto, por fantasias de satisfação plena que terão de recorrer a objetos depreciados, e estas serão atuadas sob os mais variados graus de disfarce.

É possível que a tendência a escolher uma mulher de classe mais baixa para sua amante permanente ou mesmo para sua esposa, tão freqüentemente observada nos homens das classes mais altas da sociedade, nada mais seja que a conseqüência de sua necessidade de um objeto sexual depreciado, a quem se vincule psicologicamente a possibilidade de completa satisfação sexual (Ibid., p. 191).

A depreciação do objeto é concomitante à tirania da moral sexual, o que leva Freud a concluir que “alguém, para ser realmente livre e feliz no amor, tem de sobrepujar seu respeito pelas mulheres e aceitar a idéia do incesto com sua mãe ou irmã” (Ibid., p. 191).

Nas mulheres o conflito terá outro percurso: Freud reconhece que nelas “há pouca indicação da necessidade de depreciar seu objeto sexual” (Ibid., p. 191), o que parece estar ligado a uma ausência análoga de supervalorização do objeto. Subsiste, no entanto, o descompasso entre “impulsos afetuosos e sensuais” (Ibid., p. 192) sob forma de uma “condição de proibitividade na vida erótica” (Ibid., p. 192):

Esta é a origem do empenho realizado por muitas mulheres de manter secretas, por certo tempo, mesmo suas relações legítimas; e da capacidade de outras mulheres para a sensação normal, tão logo a condição de proibição se restabeleça devido a uma relação amorosa secreta: infiéis a seus maridos, são capazes de manter uma segunda espécie de finalidade em relação a seus amantes (Ibid., p. 192).

Todas as soluções, enfim, serão atravessadas por uma insatisfação estrutural mínima: “o objeto final do instinto sexual nunca mais será o objeto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo” (Ibid., p. 194). Todas as soluções carregam a nostalgia de uma satisfação cuja perda foi necessária para o próprio advento do sujeito enquanto ser de cultura. Em função disto, a satisfação plena, junção perfeita de ternura e sensualidade, é um ideal paradoxal. Sua concretização tornaria obsoleto o próprio psiquismo:

Que motivo teria o homem para colocar as forças instintivas sexuais a outros serviços se, com qualquer distribuição dessas forças, eles poderiam conseguir prazer completamente satisfatório? Não renunciariam nunca a esse prazer e jamais realizariam qualquer outro progresso (Ibid., p. 195).

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud, 1996 [1914]), Freud tece uma série de considerações a respeito do atravessamento da pulsionalidade pelo eu em suas relações objetais.

O investimento do eu como um objeto, o que aparece de forma caricatural na perversão que mereceu o nome de narcisismo, será entendido como um mecanismo primário e normal, “podendo mesmo reivindicar um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano” (Freud, 1996 [1914], p. 81).

A pulsionalidade precoce, auto-erótica e anárquica, se refere agora a um momento do desenvolvimento quando o eu ainda não existia. De fato, a “nova ação psíquica” (Ibid., p. 84) que instaura o narcisismo primário é a primeira “tirania”, a primeira organização pulsional cujo produto é o eu como objeto de investimento.

A partir daí as pulsões se configuram em investimentos objetais através da mediação do eu, que reivindica esta posição de intermediário. A metáfora que Freud oferece é bastante conhecida:

Há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz (Ibid., p. 83).

Para o “estudo direto do narcisismo” (Ibid., p. 89) Freud nos remete às parafrenias – demência precoce e paranóia –, mas indica também outros meios de

abordagem mais acessíveis, entre os quais a “observação da vida erótica dos seres humanos” (Ibid., p. 93).

Na vida erótica descobrimos que a busca de objetos que substituam os das satisfações sexuais primordiais – “as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua” (Ibid., p. 94) – parece ausente em certas pessoas, que “procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado ‘narcisista’” (Ibid., p. 94).

Ao invés de concluir “que os seres humanos se acham divididos em dois grupos acentuadamente diferenciados” (Ibid., p. 94), no entanto, Freud sugere que “um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos” (Ibid., p. 95).

A organização do eu, represa pulsional privilegiada, depende da simultânea organização do objeto-mãe a partir do qual o investimento retorna. Este circuito perfeito é o modelo de satisfação que qualquer escolha objetal – mais ou menos narcísica e anaclítica – visa, sendo isto seu denominador comum.

A escolha anaclítica – a que é feita tendo como modelo de objeto a mãe –, que Freud sugere ser tipicamente masculina, é marcada pela supervalorização do objeto, mas esta será agora entendida como tributária do narcisismo, na medida em que é uma transferência deste para o objeto.

O tipo feminino de escolha tenderia ao narcísico: algumas mulheres

desenvolvem certo autocontentamento que as compensa pelas restrições sociais que lhes são impostas em sua escolha objetal. Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas (Ibid., p. 95)

O contraste reflete, de certa forma, a oposição entre atividade e passividade em que consiste inicialmente a diferença sexual. Os anseios femininos “não se acha[m] na direção de amar, mas de serem amadas” (Ibid., p. 95).

A posição feminina também comporta, no entanto, o investimento (ativo) de objetos alheios ao eu:

Na criança que geram, uma parte de seu próprio corpo as confronta como um objeto estranho, ao qual, partindo de seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo (Ibid., p. 96).

Outro destes investimentos é o simples anseio por um ideal, cuja dinâmica e relação com o narcisismo Freud passa a examinar.

Os ideais – “idéias culturais e éticas do indivíduo” (Ibid., p. 100) – se constituem como tais enquanto este indivíduo efetivamente se submeta às exigências que eles lhe fazem. Não são algo externo, mas algo reconhecido e aceito “como um padrão para si próprio” (Ibid., p. 100).

É com este padrão internalizado que tornam-se incompatíveis determinados impulsos, o que faz com que sofram ocasionalmente “a vicissitude da repressão patogênica” (Ibid., p. 100): “A formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão” (Ibid., p. 100). O recalçamento é um esforço para manter o eu idêntico ao ideal, tal como fora, através do investimento materno, na ocasião de seu surgimento: “possuído de toda perfeição de valor” (Ibid., p. 100).

Esta primeira cisão no eu, que produz o ideal, tem raízes precoces: “o que induziu o indivíduo a formar um ideal do ego, em nome do qual sua consciência atua como vigia, surgiu da influência crítica de seus pais” (Ibid., p. 102). Esta consciência moral, a instância que mede a distância entre o eu e o ideal é, “no fundo, uma personificação, primeiro da crítica dos pais” (Ibid., p. 102), internalizada como medo da perda de seu amor, ou seja, perda da unidade narcísica.

Esta unidade do eu, provavelmente perdida desde a primeira experiência de insatisfação, pode ainda ser projetada em um ideal sexual e buscada em um objeto externo, o que caracteriza o estar apaixonado.

Em 1919, em *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (Freud, 1996 [1919]), o autor analisa as fantasias de espancamento com as quais se depara na clínica, buscando sua inteligibilidade através do cenário edipiano.

Tais fantasias tinham como conteúdo mínimo o fato de uma criança estar sendo espancada por alguém – situando-se primeiramente em uma área onde sadismo e masoquismo não estão diferenciados – e via de regra suscitavam boa dose de prazer e atraíam sobre si, especialmente, sentimentos de vergonha e culpa,

sendo ainda mais hesitantemente relatadas do que as “lembranças do início da vida sexual” (Freud, 1996 [1919], p. 195).

Tomando a explicação que até então vigorara como insuficiente – a de que esta fantasia seria um traço primário de perversão, nascida da força prematura e acentuada de um dos componentes da função sexual e mantida inalterada ao longo do desenvolvimento – Freud contrapõe a ela a evidência de que “as impressões que provocavam a fixação” (Ibid., p. 198) eram “corriqueiras e não excitantes” (Ibid., p. 198).

Procurará em função disto os elementos que transformam tais impressões, que as revestem de nova importância por serem soluções para conflitos e as levam a ocupar o lugar ambivalente de prazer e culpa: “pode muito bem ser que [estas fantasias] tenham um histórico anterior, que atravessem um processo de desenvolvimento, que representam um resíduo e não uma manifestação inicial” (Ibid., p. 199).

O histórico das fantasias de espancamento não é nada simples. Sofre transformações sucessivas e toma rumos diferentes em homens e mulheres. A forma mais primitiva da fantasia feminina é “o meu pai está batendo na criança que eu odeio” (Ibid., p. 201). A criança espancada é uma competidora e o adulto que bate é o pai. Esta é a primeira organização de “recordações de eventos que foram testemunhados” (Ibid., p. 201) e “desejos que despertam em várias ocasiões” (Ibid., p. 201) como um esboço de significação, um esforço de conjugar pulsões e condições de realização em um todo coerente.

Na fase seguinte a menina se coloca como personagem da fantasia: “estou sendo espancada pelo meu pai” (Ibid., p. 201). Ela passa a ser acompanhada de um “alto grau de prazer” (Ibid., p. 201) e aparentemente sofre o mais severo recalque: “nunca é lembrada, jamais conseguiu tornar-se consciente. É uma construção da análise” (Ibid., p. 201).

A terceira e final fase é novamente consciente e, portanto, um certo recuo à primeira. O pai se torna um adulto indeterminado ou um substituto como, por exemplo, um professor. A autora da fantasia sai de cena, tornando-se, no máximo, a espectadora. A criança espancada desdobra-se em várias, todas desconhecidas, e assumem especificamente o sexo masculino. O próprio espancamento pode transformar-se em um “castigo ou humilhação de outra natureza” (Ibid., p. 201).

Da segunda fase, no entanto, carrega a excitação sexual que surgira, “proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbadora” (Ibid., p. 201).

Os elementos históricos da primeira fase são: o ciúme, experimentado ou antecipado, dos pais, o que introduz a criança-rival “que atrai para si a parcela de afeição que os cegos pais estão sempre prontos a dar” (Ibid., p. 202); e a compreensão de que “ser espancado, mesmo que não doa muito, significa uma privação de amor e uma humilhação” (Ibid., p. 202), o que se associa à perda de sua própria “onipotência imaginária” (Ibid., p. 202). Seu significado primeiro, pois, é “o meu pai não ama essa criança, ama apenas a mim” (Ibid., p. 202): esboços associativos primordiais dos quais os impulsos sádicos e sexuais se originarão posteriormente.

A segunda fase satisfaz também um sentimento de culpa que surge a propósito do amor incestuoso.

A fantasia do período de amor incestuoso havia dito: ‘Ele (o meu pai) só ama a mim, e não à outra criança, pois está batendo nela’. O sentimento de culpa não pode descobrir um castigo mais severo do que a inversão desse triunfo: ‘Não, ele não ama você, pois está batendo em você’ (Ibid., p. 204).

Ao mesmo tempo, no entanto, constitui uma satisfação disfarçada deste mesmo amor, a que deve o prazer que suscita: “esse ser espancado é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. *Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*” (Ibid., p. 205).

A terceira fase alcança novamente a consciência através de novos disfarces. As crianças espancadas são agora a série de substitutos da autora da fantasia, e a satisfação que provoca é só aparentemente sádica: “apenas a *forma* dessa fantasia é sádica; a satisfação que deriva assumiu a catexia libidinal da porção reprimida e, ao mesmo tempo, o sentimento de culpa que está ligado ao conteúdo daquela porção” (Ibid., p. 206).

Nos homens, a forma final e consciente da fantasia é a de estar sendo espancado por uma mulher. A atitude feminina, passiva, constitui o elo com a porção reprimida de onde deriva a satisfação, cuja forma é análoga à segunda fase da fantasia feminina: “sou amado pelo meu pai” (Ibid., p. 213). Em homens e mulheres, portanto, “a fantasia de espancamento tem sua origem numa ligação

incestuosa com o pai” (Ibid., p. 213). Para o homem a vantagem da fantasia é possibilitar “uma atitude feminina sem uma escolha homossexual de objeto” (Ibid., p. 214).

As transformações que a fantasia sofre atestam, portanto, a contribuição feita pelo recalçamento dos amores incestuosos a sua forma final.

Freud deriva daí a necessidade de compreender as organizações sexuais definitivas onde tais fantasias são atuadas – perversões – através de um recurso aos conflitos edipianos. Qualquer fixação pulsional infantil “é levada a uma relação com o objeto de amor incestuoso da criança, com o seu complexo de Édipo” (Ibid., p. 207), e este atravessamento produzirá efeitos em sua forma ulterior.

A fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou, tal como o notório ‘sentimento de inferioridade’ corresponde a uma cicatriz narcísica do mesmo tipo (Ibid., p. 208).

O texto marca, assim, a inscrição das peculiaridades das organizações sexuais adultas entendidas como perversas na mesma lógica que permitiu o entendimento freudiano das neuroses:

A sexualidade infantil, que é mantida sob repressão, atua como a principal força motivadora na formação de sintomas; e a parte essencial do seu conteúdo, o complexo de Édipo, é o complexo nuclear das neuroses. Espero haver levantado, neste artigo, a expectativa de que as aberrações sexuais da infância, bem como as da maturidade, são ramificações do mesmo complexo (Ibid., p. 218).

O estado pulsional de coisas à época do clímax edipiano, que antecede a onda de recalçamento que instaura o período de latência, será sistematizado em artigo de 1923, *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (Freud, 1996 [1923a]).

A lacuna deixada nos *Três ensaios* a este respeito será ocupada por uma fase batizada de ‘fálica’. Ela congrega uma precoce primazia genital e uma definida escolha de objeto, mas difere das organizações finais por levar em consideração apenas um órgão genital, o masculino. “O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” (Freud, 1996 [1923a], p. 158).

No menino, a primazia se explica pela vinculação de seu narcisismo (a reciprocidade que encontra no olhar da mãe) a “essa parte do [seu] corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações” (Ibid., p. 158). A questão das condições da perda do amor buscará então elucidação nas diferenças genitais. “Ele quer vê-la [essa parte de seu corpo] também em outras pessoas, de modo a compará-la com a sua, e comporta-se como se tivesse uma vaga idéia de que esse órgão poderia e deveria ser maior” (Ibid., p. 158). Descobrimo a ausência do órgão em algumas criaturas, vincula a diferença à perda de amor:

supõe ser a falta de um pênis resultado de ter sido castrada como punição. (...) a criança acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais – mulheres que, com toda probabilidade, foram culpadas de impulsos inadmissíveis semelhantes ao seu próprio (Ibid., p. 160).

O conflito fálico fundamental se estabelece, assim, entre a vinculação do narcisismo a seu órgão mais excitável (ela própria uma conciliação entre experiências arcaicas de satisfação e a excitabilidade proeminente dos genitais) e a supervalorização do objeto-mãe, a quem falta tal órgão. De fato, no psiquismo infantil a mãe “retém o pênis por longo tempo” (Ibid., p. 160).

Pois bem, um ano depois, em *A dissolução do complexo de Édipo* (Freud, 1996 [1924a]), o autor discute o impasse edipiano, e sua eventual superação, informado pelo falicismo do cenário pulsional genital infantil.

A princípio o abandono das escolhas de objeto incestuosas seria motivado por “inevitáveis experiências aflitivas” (Freud, 1996 [1924a], p. 193), as de ser preterido. A ausência de reciprocidade plena dos pais faria sucumbir o complexo “pelos efeitos de sua impossibilidade interna” (Ibid., p. 193). A vinculação entre narcisismo e falo, no entanto, terá influência também decisiva, sendo o que dá origem no cenário edipiano ao ‘complexo de castração’.

O conflito entre a excitabilidade genital e o amor dos adultos é bastante precoce: “quando o interesse da criança (do sexo masculino) se volta para os seus órgãos genitais, ela revela o fato manipulando-os freqüentemente, e então descobre que os adultos não aprovam esse comportamento” (Ibid., p. 194).

A ameaça de perda dessa parte do corpo, por outro lado, surge da série de separações a que foi submetida, incluindo “a retirada do seio materno – a

princípio de modo intermitente, e mais tarde, definitivamente – e a exigência cotidiana que lhes é feita para soltarem os conteúdos do intestino” (Ibid., p. 195), assumindo uma carga especialmente trágica durante o Édipo e a fase fálica.

Sua aceitação da possibilidade de castração, seu reconhecimento de que as mulheres eram castradas, punha fim às duas maneiras possíveis de obter satisfação do complexo de Édipo, de vez que ambas acarretavam a perda de seu pênis – a masculina como uma punição resultante e a feminina como precondição (Ibid., p. 196).

A criança é instada a escolher entre o eu e a satisfação, sendo a escolha do eu o que instaura a latência.

As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (...) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o – removeu sua função (Ibid., p. 196).

Nas meninas o percurso típico é diferente, posto que a sede de sua excitabilidade genital – o clitóris – não se presta tão diretamente ao papel de objeto do desejo materno. O que a mãe deseja no pai é algo que ela, a menina, não tem.

O complexo de castração toma então outros rumos: pode ser que a menina se console “com a expectativa de que mais tarde, quando ficar mais velha, adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino” (Ibid., p. 198), o que alimentaria um desejo de eventualmente tornar-se o pai, sendo esta a condição de satisfação plena. Outra possibilidade é presumir “que, em alguma época anterior, possuía um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração” (Ibid., p. 198). Nesse caso, em “que a menina aceita a castração como um fato consumado” (Ibid., p. 198), compensações serão buscadas através da posse de outros objetos de desejo, paradigmaticamente de um bebê.

Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho (Ibid., p. 198).

Resta saber o quanto a freqüência destes desdobramentos deve aos contingentes ideais culturais e familiares e, talvez principalmente, às peculiaridades do desejo materno. De fato, Freud acrescenta que

As relações cronológicas e causais, aqui descritas, entre o complexo de Édipo, a intimidação sexual (a ameaça de castração), (...) e o começo do período de latência são de um gênero típico, porém não desejo asseverar que esse tipo seja o único possível (Ibid., p. 199).

No mesmo ano, Freud volta à questão do masoquismo, em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1996 [1924b]), agora sob a ótica do novo dualismo pulsional vida/morte.

Esta forma de organização da satisfação sexual sempre foi algo refratária a explicações econômicas: “se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo tal que o seu primeiro objetivo é a evitação do desprazer e a obtenção do prazer, o masoquismo é incompreensível” (Freud, 1996 [1924b], p. 177). A introdução da pulsão de morte, no entanto, fornecera uma base para a compreensão das mais variadas manifestações do masoquismo.

Freud discerne três de suas formas: “como condição imposta à excitação sexual” (Ibid., p. 179) – masoquismo erógeno –, “como expressão da natureza feminina” (Ibid., p. 179) – masoquismo feminino –, e “como norma de comportamento” (Ibid., p. 179) – masoquismo moral. O masoquismo erógeno é primário, “jaz ao fundo também das outras duas formas” (Ibid., p. 179).

O masoquismo feminino é o que se manifesta através das fantasias de espancamento, sejam atuadas ou não: “os desempenhos são, no fim das contas, apenas uma execução das fantasias em jogo” (Ibid., p. 179). Seu conteúdo manifesto, “ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado e aviltado” (Ibid., p. 179), traduz o desejo de “ser tratado como uma criança pequena e desamparada, mas, particularmente, como uma criança travessa” (Ibid., p. 180). Tais fantasias “colocam o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um bebê” (Ibid., p. 180). Ao mesmo tempo é satisfeito um sentimento de culpa vinculado à ambivalência característica da masturbação infantil (causa de prazer e de perda de amor): “o indivíduo presume que cometeu algum crime (cuja natureza

é deixada indefinida), a ser expiado por todos aqueles procedimentos penosos e atormentadores” (Ibid., p. 180).

Esta erotização do sofrimento baseia-se, antes de tudo, em fundamentos pulsionais. O que permite que o sofrimento e o desprazer sejam inscritos como trilhas de excitação é a força de dissolução que “procura desintegrar o organismo” (Ibid., p. 181) conduzindo-o “para um estado de estabilidade inorgânica” (Ibid., p. 181), a pulsão de morte.

A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora (...) no sentido de objetos do mundo externo. O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder. Uma parte do instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno (Ibid., p. 181).

O sadismo, o masoquismo e suas ramificações e desdobramentos traduzem, pois, um “amansamento do instinto de morte pela libido” (Ibid., p. 181), através de “fusão e amalgamação” (Ibid., p. 181). As marcas da pulsão de dissolução – inscrições da morte como trilha pulsional – comparecem, assim, em toda a extensão do desenvolvimento, assumindo “revestimentos psíquicos cambiantes” (Ibid., p. 182):

O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) origina-se da organização oral primitiva; o desejo de ser espancado pelo pai provém da fase das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio ou organização fálica, e da organização genital final surgem, naturalmente, as situações de ser copulado e de dar nascimento, que são características da feminilidade (Ibid., p. 182).

Vale dizer que talvez as teorias sexuais infantis também sejam atravessadas por este cenário pulsional, particularmente a concepção sádica do coito e a interpretação da ausência de pênis como resultado de uma castração.

A terceira forma de masoquismo, moral, é seu mais refinado disfarce. A inadvertida insistência em normas de comportamento auto-destrutivas manifestadas no processo de análise por resistências à cura e adesividade a satisfações sintomáticas, leva Freud a considerar o lucro envolvido na enfermidade como uma manifestação masoquista.

A recorrência do fracasso, interpretado como obra do “poder sombrio do Destino” (Ibid., p. 185), satisfaz aquela mesma culpa, ainda que inconsciente, advinda da (e mantida pela) cisão entre eu e ideal. Esta cisão, reflexo da inscrição das primeiras insatisfações, foi erotizada no contexto edipiano através das fantasias de espancamento pelo pai, uma tentativa de solução encarnada no desejo “de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele” (Ibid., p. 187).

Pois no masoquismo moral, o Destino, “a Providência, Deus, ou Deus e a Natureza” (Ibid., p. 186) substituem-se ao pai, e o fracasso torna-se o castigo sofrido, substituto da relação sexual passiva. Assim,

o masoquismo cria uma tentação a efetuar ações ‘pecaminosas’, que devem ser expiadas pelas censuras da consciência sádica (...) ou pelo castigo do grande poder parental do Destino. A fim de provocar a punição deste último representante dos pais, o masoquista deve fazer o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir sua própria existência real (Ibid., p. 187).

Finalmente, em *Sexualidade feminina* (Freud, 1996 [1931]), o autor aborda extensamente as peculiaridades da sexualidade feminina pré-edipiana e discute as condições para o abandono da mãe como objeto, válidas em grande parte para ambos os sexos.

A primeira e mais intensa ligação que a menina desenvolve é com sua mãe, e isto produz efeitos bastante significativos em seu complexo de Édipo. A ambivalência própria desta primeira relação tingirá de hostilidade as posteriores: o autor observa, por exemplo, “que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães” (Freud, 1996 [1931], p. 239). A hostilidade dirigida à mãe, por sua vez, “não é conseqüência da rivalidade implícita no complexo de Édipo, mas se origina da fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação edipiana” (Ibid., p. 239).

Antes de qualquer investimento do pai como objeto, pois, o objeto-mãe, ao mesmo tempo intensamente amado e insatisfatório, fornece as bases para os conflitos posteriores por características intrínsecas a essa ligação:

O amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo. Possui, porém, uma segunda característica; não tem, na realidade, objetivo, sendo incapaz de obter satisfação completa, e, principalmente por isso, está condenado a acabar em desapontamento e a ceder lugar a uma atitude hostil (Ibid., p. 239).

A insaciabilidade que acompanha este investimento tão intenso e exclusivo dará origem a uma hostilidade posteriormente justificada de diversas formas. Assim, configuram-se as acusações de que a mãe

falhou em fornecer à menina o único ou o órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu a partilhar o amor da mãe com outros, que nunca atendeu às expectativas de amor da menina, e, finalmente, que primeiro despertou a sua atividade sexual e depois a proibiu (Ibid., p. 242).

Sendo a ambivalência, enfim, comum a toda criança, o Édipo masculino também se configurará em função dela, residindo a crucial diferença em que “os meninos podem lidar com seus sentimentos ambivalentes com a mãe dirigindo toda sua hostilidade para o pai” (Ibid., p. 243).

Para além da insaciabilidade, uma outra antítese se estabelece já nos primórdios, aquela entre passividade e atividade, que estabelecerá o primeiro critério de distinção entre feminilidade e masculinidade. A este respeito faz diferença o fato de que “as primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que uma criança tem em relação à mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpa e vestida por esta última” (Ibid., p. 244).

O esforço em reagir ativamente a isto – “parte do trabalho que lhe é imposto de dominar o mundo externo” (Ibid., p. 244) – se depara particularmente com frustrações: tais tendências ativas revelam-se “totalmente irrealizáveis e, portanto, são mais prontamente abandonadas pela libido” (Ibid., p. 247). Acabarão, de fato, sendo projetadas no pai. No menino, por exemplo, o temor de ser devorado pelo pai “provavelmente constitui o produto de uma transformação da agressividade oral dirigida para a mãe. A criança deseja comer a mãe, de quem recebe seu alimento” (Ibid., p. 245). Nas meninas a posição ativa em primeiro lugar é realizada “de maneira indireta, em seu brinquedo com a boneca, brinquedo em que representa a mãe, e a boneca, a filha” (Ibid., p. 245). Mais tarde pode motivar ainda, já transformada, as fantasias de sedução pela mãe, eventualmente substituída pelo pai.

O que se deduz de todos estes desdobramentos da sexualidade humana é que as transformações da puberdade se instauram uma primazia genital, o fazem sempre de forma mais ou menos idiossincrática. O estatuto de tal primazia não se estabelece à revelia dos caminhos pulsionais da infância, e a organização “final” refletirá inescapavelmente os percalços dos investimentos mais precoces, cujos traços mais recorrentes tomarão as mais diversas formas manifestas.

Como escreve Freud neste último artigo, insistindo na abertura que permeia toda a sua teorização da sexualidade,

É quase impossível fornecer uma descrição que possua validade geral. Encontramos as mais diferentes reações em diferentes indivíduos e, no mesmo indivíduo, as atitudes contrárias coexistem lado a lado. Com a primeira intervenção da proibição, o conflito se forma e, doravante, acompanhará o desenvolvimento da função sexual (Ibid., p. 241).

Terá sido necessário reduzir novamente a pluralidade dos percursos de configuração da sexualidade em função de uma nosografia que as separasse, pondo de um lado as normais e de outro as perversas? É o que passamos a examinar.